



O PAPEL DA MULHER NA MEDICINA EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL

CORREA, Carolina Zaro.¹
SOUZA, Cecília Sampaio.²
MACHADO, Nathaly Trento.³
CORREA, Paula Fernanda.⁴
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata⁵

RESUMO

Este artigo explora o papel da mulher na medicina em uma sociedade patriarcal, abordando os desafios enfrentados pelas mulheres que buscam uma carreira nessa área e destacando a importância da igualdade de gênero na profissão médica. Através de uma revisão teórica, análise e discussão, examinamos as barreiras históricas, os desafios atuais e as conquistas das mulheres na medicina. Além disso, são apresentadas recomendações para promover uma maior igualdade de gênero nesse campo.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina, Mulher, Desigualdade.

1. INTRODUÇÃO

A medicina é uma área fundamental para a sociedade, responsável por cuidar da saúde e bem-estar das pessoas. No entanto, ao longo da história, a participação das mulheres na medicina tem sido frequentemente subestimada e limitada em uma sociedade patriarcal.

Neste artigo, será avaliado o papel da mulher na medicina em uma sociedade dominada por estruturas patriarcais e discutido os desafios enfrentados pelas mulheres que buscam uma carreira nessa área.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Historicamente, as mulheres foram excluídas das profissões médicas devido a normas sociais e preconceitos arraigados. No passado, a medicina era vista como uma área exclusivamente masculina, e as mulheres eram desencorajadas ou impedidas de estudar e praticar a profissão médica. As oportunidades educacionais eram limitadas para as mulheres, e era comum que elas fossem restritas a papéis de enfermagem ou assistência médica secundária.

¹ Acadêmico do curso de Medicina do Centro universitário FAG. E-mail: czcorrea@minha.fag.edu.br

² Acadêmico do curso de Medicina do Centro universitário FAG. E-mail: cssouza@minha.fag.edu.br

³ Acadêmico do curso de Medicina do Centro universitário FAG. E-mail: ntmachado@minha.fag.edu.br

⁴ Acadêmico do curso de Medicina do Centro universitário FAG. E-mail: pfcorrea@minha.fag.edu.br

⁵ Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Professor do Centro Universitário FAG. E-mail: eduardo@fag.edu.br



No entanto, ao longo dos anos, as mulheres têm rompido essas barreiras e alcançado conquistas significativas na medicina. A luta pela igualdade de gênero na profissão médica tem se intensificado, e cada vez mais mulheres estão ingressando na área e desempenhando um papel crucial no cuidado de pacientes e na pesquisa médica. Entretanto, ainda seguindo os padrões patriarcais, é atribuído aos homens as especialidades nas quais é preciso ser mais agressivo e incisivo, como cirurgia, cardiologia e anestesiologia, além disso esses profissionais costumam ser os mais prestigiados e bem remunerados (NUNES, 1991).

Já as mulheres, ficam restritas, quase sempre, a especialidades ligadas às doenças crônicas ou a áreas que se assemelham ao seu papel no espaço privado (“dona de casa da medicina”), como oncologia, reumatologia, pediatria, ginecologia, visto que são áreas em que é necessário ser mais paciente, empático e delicado, isto é, características consideradas femininas, não surpreende também o fato de serem áreas em que na maioria das vezes o prestígio é difícil de ser alcançado e a remuneração é mais baixa (NUNES, 1991).

As mulheres médicas enfrentam desafios específicos em uma sociedade patriarcal. A desigualdade salarial é um problema persistente. Esse rendimento desigual acontece em diferentes aspectos, e de forma alarmante destaca-se que as mulheres médicas ganham em média 13 mil reais a menos que os homens colegas de profissão, dado que equivale a mais de 60% do rendimento dos médicos homens (WEMEDS, 2023).

Além disso, o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal é discrepante, especialmente para aquelas que são mães. A falta de suporte institucional, como licenças maternidade adequadas e creches no local de trabalho, dificulta a conciliação entre carreira e família. As mulheres enfrentam maior interferência da vida doméstica na vida profissional do que os homens, isso reflete diretamente no tempo disponível para as atividades profissionais, produção científica e participação em eventos. Observa-se também que elas parecem obter títulos em nível de pós-graduação mais tardiamente, justamente por conta dessa relação entre vida doméstica e profissional (MARTA; 2011).

Outro desafio enfrentado pelas mulheres na medicina é o viés de gênero. Mesmo com o aumento da presença e influência feminina na Medicina, os cargos mais elevados na hierarquia profissional, junto a decisões principais nas instituições prestadoras de serviços de saúde continuam sendo ocupados, na sua grande maioria, por homens. Essa temática é significativa, pois abre espaço



à discussão da igualdade de oportunidades para homens e mulheres na ocupação de cargos de liderança (MARTA, 2011).

Apesar desses desafios, as mulheres estão desempenhando um papel cada vez mais importante na medicina. Sua presença traz perspectivas únicas e enriquecedoras, e estudos mostram que a diversidade de gênero na equipe médica está associada a melhores resultados de saúde para os pacientes. Além disso, as mulheres médicas estão liderando avanços significativos em áreas específicas, como a saúde materno-infantil e a pesquisa em ginecologia.

Alguns autores afirmam que as mulheres médicas são mais propensas do que seus colegas masculinos a harmonizar a relação médico-paciente, pois adotam estilos mais democráticos de comunicação, promovem relacionamentos colaborativos, discutem mais os tratamentos e envolvendo pacientes nas tomadas de decisão (SCHEFFER; CASSENTE; 2013).

Além disso, estudos mostram também que as condutas e práticas das mulheres médicas podem conduzir à melhor eficácia das ações preventivas; se adequam mais facilmente ao funcionamento e à liderança de equipes multidisciplinares de saúde e; levam a otimizar recursos, pois são menos inclinadas a incorporar tecnologias desnecessárias; atendem mais adequadamente às populações em contextos de vulnerabilidade; e respondem a situações que requerem a compreensão de singularidades culturais e das preferências individuais dos pacientes (SCHEFFER; CASSENTE; 2013).

Para promover uma maior igualdade de gênero na medicina, é crucial adotar medidas que incentivem a participação das mulheres nessa área. É necessário garantir a igualdade de oportunidades educacionais e acesso a cargos de liderança, bem como implementar políticas que promovam a igualdade salarial e o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Além disso, é fundamental educar e conscientizar a sociedade sobre a importância da diversidade de gênero na medicina e combater os estereótipos de gênero arraigados.

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada na elaboração deste estudo, foi a revisão bibliográfica, caracterizando a pesquisa como um ensaio teórico. Foram utilizadas literaturas contidas nas bases de dados SCIELO, além de portais de conteúdo médico. Os termos utilizados foram: mulher na medicina, desigualdade de gênero, feminina e médica.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o papel da mulher na medicina em uma sociedade patriarcal tem sido desafiador e repleto de obstáculos. No entanto, as mulheres estão superando esses desafios e conquistando seu espaço na profissão médica. É crucial continuar avançando em direção à igualdade de gênero na medicina, reconhecendo o valor e a importância das mulheres como profissionais de saúde e trabalhando juntos para criar um ambiente inclusivo e equitativo para todos.

REFERÊNCIAS

MARTA, T. Gênero e carreira profissional na Medicina. v. 4, p. 73–88, 21 dez. 2011.

SCHEFFER, M. C.; CASSENOTE, A. J. F. A feminização da medicina no Brasil. Revista Bioética, v. 21, n. 2, p. 268–277, ago. 2013.

SILVIA REGINA NUNES. A medicina social e a questão feminina. v. 1, n. 1, p. 49–76, 1 jan. 1991.

WEMEDS, E. Desigualdade salarial na medicina: médicas ganham até R\$13 mil a menos que médicos | Portal WeMEDS. Disponível em: <<https://portal.wemeds.com.br/desigualdade-salarial-medicas-medicos/>> . Acesso em: 26 jun. 2023.